

DISCURSOS SOBRE O HOMEM DO CAMPO:

Alguns olhares vindo do cinema¹

José Leite dos Santos Neto²

Prof. Dr. Valdemir Miotello³

RESUMO

Considera-se a ideologia um elemento de grande poder na sociedade, principalmente quando vinculada aos meios de comunicação. Esta pesquisa buscou fundamentação teórica em diversos autores relacionados principalmente aos temas de cinema, campo, linguagem e ideologia. Partiu-se do pressuposto de que havia certa carência de registros relacionados à construção do discurso sobre o campo na visão midiática. O objetivo principal deste trabalho é compreender a ideologia inerente ao conceito de campo/camponês propagado pela mídia, tomando como base o filme “Tapete Vermelho”. A metodologia utilizada incluiu pesquisa bibliográfica e descrição plástica fílmica (Penafria, 2009). Espera-se contribuir com a ampliação do debate e reflexão do referido conceito divulgado midiaticamente para a população.

Palavras Chave: Campo; Cinema; Mídia; Ideologia; linguagem.

¹ Parte do trabalho para conclusão do curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de São Carlos, orientado pelo Prof. Dr. Valdemir Miotello.

² Graduando do curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de São Carlos. E mail: neto.21@ig.com.br

³ Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos.

DISCURSOS SOBRE O HOMEM DO CAMPO:

Alguns olhares vindo do cinema

O presente trabalho é parte da pesquisa de conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, denominado Pedagogia da terra. Este trabalho foi feito a partir da análise de um filme nacional, do gênero de comédia intitulado “Tapete Vermelho”, feito em 2006, sob direção de Luiz Alberto Pereira, e que ilustra a temática camponesa, visto que, o mesmo é produto comercial feito para divulgação à população, entretanto este trabalho não se limitou apenas ao filme, também foram utilizados outros elementos que contribuíram para esta discussão, como artigos, entrevistas, revistas e jornais objetivando analisar a ideologia do discurso midiático no conceito de campo, já que este é um tema de discussão atual e os meios de comunicação também são fontes de formação.

Esta pesquisa nasce também pela importância de contextualizar a atual situação do campo propagado pela mídia, que atualmente sofre influências desta na sua ideologia e contribuir para a ampliação do debate e reflexão da ideologia presente no conceito de campo divulgado midiaticamente.

Dessa forma, esta pesquisa se propõe a uma análise interpretativa da ideologia inerente no conceito de campo propagado pelo discurso midiático do filme. Foram utilizados alguns teóricos como Bakhtin, pois segundo o autor as relações sociais, neste caso no filme, são reveladas por signos linguísticos que evidenciam uma ideologia, e o sujeito é constituído a partir do discurso que ele produz. (Apud GUERRA 2008, p.24)

Os signos também são objetos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade, ele também reflete e refrata outra. (BAKHTIN 1997, p. 32)

O cinema é um objeto de cultura e educativo, diz-se de cultura porque este é um veículo que apresenta às pessoas diversas manifestações dos mais diferentes grupos sociais e educativo porque ao contemplar um filme gera um aprendizado, um

conhecimento novo sobre determinado assunto, pois Mészáros (2008) nos afirma que aprendemos o tempo todo, neste sentido considera-se o cinema um instrumento educativo. Por isso a importância de uma educação que nos permita ler além dos textos. Uma educação para que saibamos ler também estes meios de comunicação.

Na tentativa de entender os elementos que negativam a imagem do campo e compreender as várias abordagens da questão foi necessário assistir o filme inúmeras vezes. Por isso foram necessárias algumas questões que conduziram as sessões, orientando-se principalmente pela principal: O que o filme mostra para o seu público?

Sendo assim a primeira parte do trabalho será voltada para uma apresentação da problemática que se desenvolverá nesta pesquisa, de forma a introduzir o leitor no contexto da discussão, fazendo com que o mesmo compreenda o papel midiático aqui tratado e sua influência na realidade do campo.

Diante desta problemática, o trabalho será dividido em tópicos. No primeiro tópico, inicialmente, faremos uma contextualização da teoria do cinema; no segundo tópico discutiremos a questão do campo; no terceiro e último tópico faremos uma análise interpretativa da questão proposta neste trabalho, no filme “Tapete Vermelho”.

O filme mostra claramente questões que muitas vezes ironizam a imagem do camponês, por exemplo, colocar o burro no estacionamento para carros, a fala característica de determinada região, geralmente a troca da letra L por R, a questão principal que é sair do seu local de origem a pé para assistir um filme que não está em exibição nas salas de cinema comercial e o trabalho que muitas vezes está condicionado a ideia de salário, dentre outras abordagens se se entrelaçam no fio condutor que discute esta pesquisa. Estes são temas que são percebidos durante todo o filme e também estão presentes em outros materiais de análise.

A partir disso foram abertas algumas frentes de análise, que se deu pela percepção de uma contraposição muito forte presente no discurso do filme. As frentes de análise foram: Atraso e Progresso, o Preconceito da Fala, Um Lugar Sem Possibilidades e Campo x Trabalho.

O campo do pequeno agricultor há muitos anos vem sendo constituído como um lugar sem possibilidades, ruim, se tornando sinônimo de “atraso”. Contudo, é importante conhecer alguns elementos que contribuem para este paradigma,

principalmente a ideologia presente nos filmes, que ajudam reforçar este pensamento, do campo como um lugar sem possibilidades.

Quando falamos de campo devemos identificar de qual tipo de campo referenciamos. Campo pode ser considerado toda extensão territorial que não disponibiliza urbanização e neste espaço territorial são encontradas grandes fazendas, sítios, assentamentos, cultivo de monoculturas entre outros; Whitaker (2009) nos apresenta dois tipos de campo/rural, que é um sul para este trabalho, visto que as duas definições trazem de forma bastante clara os tipos de campo/rural discutidos neste trabalho: *aquele do pequeno produtor de alimentos, que nele reside, e aquele que dá continuidade histórica ao atraso da monocultura e do latifúndio (...)*. (P.34)

No Brasil não é possível afirmar a existência de uma única cultura camponesa, devido às crenças, origens, espaço geográfico, os tipos de informações que recebem, principalmente dos meios de comunicação. Cada grupo social tem seu modo de viver, logo tem uma cultura; tais elementos contribuem para a formação do sujeito, pois o mesmo se dá na interação com o outro. (BAKHTIN 1997).

Em Tapete Vermelho no diálogo entre o personagem Quinzinho e o dono do *Armazém Mazzaropi*, podemos perceber de forma bastante sutil certo descaso e indiferença quanto a cultura camponesa. Quinzinho está em busca de informações sobre algum cinema que esteja passando a película de Mazzaropi, e pergunta: *O que que passa lá então?* O dono do armazém responde: *Vai passa filme que todo mundo vai quer ver. E cá pra nós, quem gosta de filme da Mazzaropi?* Neste contexto do diálogo o autor diz que não existe um interesse pela cultura camponesa diante do cinema. Na mesma cena o dono do Armazém, em tom de riso e deboche diz: *Esse é o mais legítimo Jacu do mato que nós vê por aqui*. O que evidencia um discurso desagradável relacionado ao campo/camponês.

Quando se fala em campo e camponês, este trabalho refere-se a um ambiente de trabalhadores. Estes que de forma indireta e até mesmo direta, recebem o preconceito e discriminação vindos diretamente das mídias. Ecléia Bosi (1983) falando sobre *desenraizamento* coloca o trecho de uma entrevista que mostra de forma sucinta o camponês que a mídia desmerece como podemos observar:

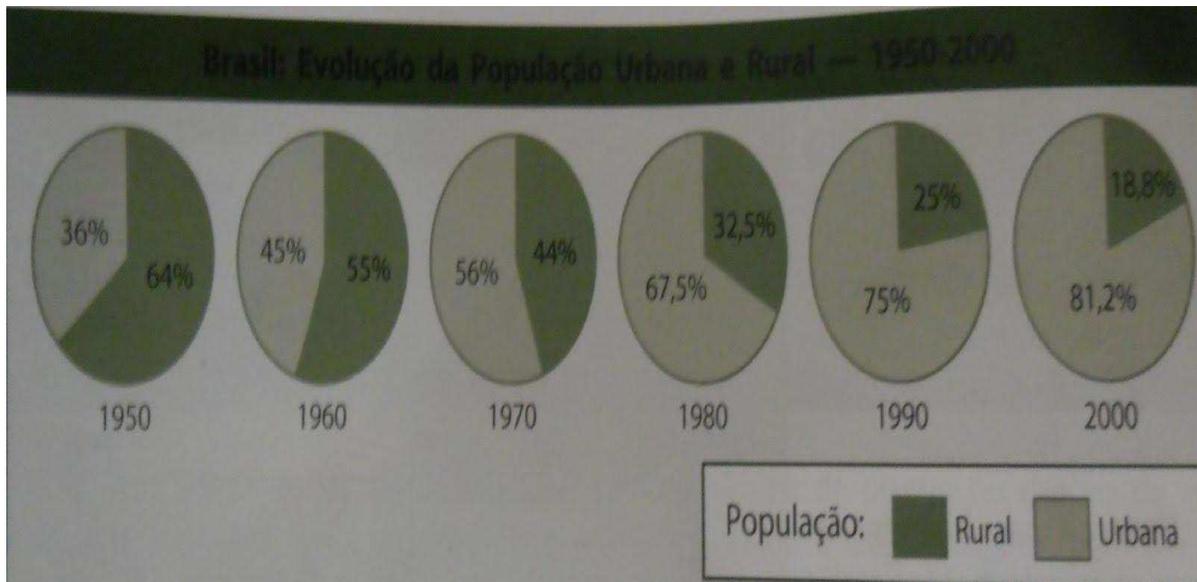
(...) acho que o pessoal que veio da roça devia poder voltar para o seu lugar. Uma coisa ninguém sabe é que a gente da roça quando chega aqui tem um medo maior que todos: o medo de passar fome. Sim, porque acostumado a plantar para comer, não vendo nem um pedaço de chão, sem terra nenhuma, a gente se preocupa: como vou comer? (p. 20)

Como podemos observar por este trecho de depoimento, a cultura camponesa está enraizada no sujeito que tem o ambiente do campo como um lugar que gera o sustento, um lugar possível de sobrevivência através do trabalho, tal qual o filme *Tapete Vermelho*, que mostra a questão do camponês que vive e se sustenta no próprio campo. O filme traz vários momentos que evidenciam este fato, as cenas iniciais exemplificam isto, no momento em que Quinzinho está chegando da roça; quando está com Neco pescando e através de diálogos principalmente quando diz ao vendedor de eletrodomésticos que “*tenho minha terrinha, tenho meu inhame, não é batata não, trabalho pra mim, não sou empregado!*” Esta questão também está presente em um diálogo entre Quinzinho e Mané Charreteiro. Este último está falando no contexto do processo de reforma agrária, que diz o seguinte:

Tô indo atrás da minha muié e dos meus filho que estão lá praqueles lados, num acampamento. Óia, os companheiro acharam uma fazenda que não tem mais tamanho, terra vazia, e nós tamos atrás de uma terrinha pra montar um ranchinho, viver e plantar em paz.

Durante muito tempo, e aproximadamente até metade do século XX, o Brasil foi considerado um país rural. As atividades desenvolvidas no campo eram de grande importância. O campo era o lugar onde a maioria das pessoas moravam, trabalhavam e se sustentavam, alguns moravam em grandes fazendas e outros em pequenos sítios; com o passar do tempo, com a evolução tecnológica e com o crescimento das indústrias, tais mudanças, de certa forma, trouxeram as pessoas para os ambientes urbanos. Pois o ser humano sempre está buscando o melhor para si, e neste momento histórico as cidades eram apontadas como lugar para prosperidade, que traziam novos padrões de vida. O campo ainda é considerado muito importante atualmente, mas na perspectiva do agronegócio. Magalhães [et al.] (2005) em seus estudos mostra através do seguinte

gráfico a evolução da população urbana e rural entre o ano de 1950 e 2000 segundo os dados do IBGE:



Este desenvolvimento tecnológico foi um dos motivos que contribuiu o êxodo rural. Pela falta de trabalho no próprio campo o trabalho nas indústrias foi alternativa, que muitas vezes aparentavam ser menos cansativas, principalmente no que se refere ao cansaço físico, que é um dos principais resultados de trabalhos do campo, já que também não tinham muitas opções no próprio campo -considerando que o pequeno camponês não dispõe de toda tecnologia oferecida no mercado, e para produzir, neste caso é necessário que muitas das atividades sejam feitas manualmente, como capinar a roça, a colheita da lavoura etc.-. De encontro a isso, na mídia a cidade apresenta oportunidades em que se exige menos este cansaço físico, fazendo com que os pequenos agricultores migrem para as cidades, buscando melhores condições de vida, mais dinheiro, mais saúde e condições de educar os filhos. É comum encontrar pessoas que migram das regiões norte e nordeste, principalmente para a região sudeste. A mídia apresenta os grandes centros urbanos desta região como ideais.

Neste sentido, Whitaker (2009), em seus estudos, mostra o quanto a mídia contribuiu para o depreciação com a imagem do campo, para contrapor esta imagem a autora traz dados do Censo Agropecuário do IBGE, instituto confiável, que confirma a importância da pequena propriedade e sua importância na produção de alimentos. Mais

uma vez a mídia a favor do agronegócio, atuando em detrimento do camponês, traz outro estereótipo sobre o campo, como a autora nos escreve:

Mas a força do latifúndio não pode ser menosprezada e então, com incrível rapidez foi encomendada uma “pesquisa” para negar os dados do IBGE e a mídia, subserviente ao poder, deu voz aos representantes do latifúndio, que saíram a campo chamando os assentamentos de Reforma Agrária de Favelas Rurais. (WHITAKER, 2009, p.35)

Como vimos acima nas palavras da autora, existem inúmeros estereótipos para o campo, que tem como objetivo, muito evidente em alguns casos, construir uma imagem negativa do campo, principalmente quando o campo for fruto de Reforma Agrária.

A mídia tem sua contribuição, vai agindo através da ideologia que cria estereótipos, muitas vezes engraçados ou pejorativos, como a referência utilizada anteriormente, que define os Assentamentos como “Favelas Rurais”. Este estereótipo pejorativo do campo não é por acaso, trata-se de uma ideologia de dominação encomendada e utilizada como uma das formas de expulsar o homem trabalhador do campo e utilizar o seu espaço em favor do agronegócio, como nos afirma Whitaker: *“Mas preconceitos não acontecem por acaso. Eles brotam da dominação e compõem cirandas perversas no gigantesco caleidoscópio das ideologias, com suas descontinuidades ilusionismos e inversões.* (2009, p. 35)”

Este instrumento de poder midiático, quando propaga a visão deteriorada do campo, não mostra as perversidades causadas pelo agronegócio, que devasta a natureza para obter lucros e acúmulo de capital. Whitaker nos ilustra esta questão com as seguintes palavras: *“Estamos falando de um rural comprometido com a terra enquanto mãe-natureza – aquela que nos mata a fome com seus generosos frutos. Não estamos falando de ações que esgotam a terra e extraem dela mais do que poderia ou deveria produzir.”* (2009, p. 37)

Neste sentido Bogo (2008) em “Identidade e Luta de Classes” traz algumas óticas possíveis para ver o campo, que reforçam as definições de Whitaker, que pode ser como lugar de moradia, forma de produção do próprio sustento e também como o campo do latifúndio, que visa apenas o lucro, visto que estamos em uma sociedade capitalista, que aponta o espaço urbano como ideal, como este nos escreve,

Por sua vez o campo, esse território não urbano, segue lógicas diferentes das cidades. No meio urbano, a intervenção do capital estrutura, materializa planos rapidamente, Edifica projetos visíveis e os nomeia de progresso. No campo o avanço dos instrumentos capitalistas dissolve, desestrutura, extermina o já feito e praticado por séculos e milênios. (BOGO, 2008. p.96).

Bogo (2008, p. 93) traz dados importantes sobre o campo. Diferenciando a população rural e urbana, escreve que em 1940 havia, na agricultura, cerca de 74% da população e em 2000, cerca de 18%; dados estes que nos ajudam a compreender como o campo foi e continua sendo um dos alvos deste veículo de comunicação, que talvez de forma intencional tenha se criado um estigma a desfavorecer a imagem campestre levando os sujeitos a buscar a cidade como possibilidade de vida.

Outro elemento importante que se cria em detrimento do campo é a imagem inferior da pessoa que habita este espaço; como escreve o autor,

Tudo passa a ser visto a partir de um padrão estabelecido por interesses externos, como se fosse juízo correto. Quem está como ele tem estilo, por isso pode questionar os outros e não aceitar ser questionado, como aquela conhecida expressão de prepotência: “Aqui quem faz as perguntas sou eu. (BOGO, 2008, p.103).

Esta visão deteriorada não tem origem apenas da mídia, a própria ciência contribui para isso, sendo um dos fundamentos utilizados para tal propagação. Permanecer no campo atualmente é o mesmo que travar uma luta contra o preconceito, que vem de diversos meios de informações. Whitaker faz uma indagação do olhar sobre o campo: *Como tem sido olhado pela ciência em geral e por muitos ambientalistas em particular esse outro, habitante da zona rural, no caso brasileiro?* (2002, p. 22).

A partir desta questão a autora mostra vários olhares preconceituosos que são construídos e propagados, e vários destes estão presentes no filme *Tapete Vermelho*, que mostra uma visão do camponês que não tem domínio do conhecimento científicos e não absorve o mesmo, pessoas sem perspectiva; e um último ponto que a autora traz, reescrevo na íntegra a seguir: (...) *além de tudo é exótico, no pior sentido que se possa dar este conceito. Ele insiste em ser rural, ou que permanecer na selva, gosta da vida*

nas aldeias. Assim vive em ambientes limitados, que o atrapalha em seu raciocínio.
(2002, p.25)

Portanto podemos ressaltar que a ideologia presente no cotidiano negativa a imagem do campo, fazendo com que quem é camponês não queira mais ser. O que isso desencadeia é a venda da pequena propriedade que geralmente acaba fazendo parte do acúmulo territorial do agronegócio.

Neste sentido Whitaker nos afirma:

Tais preconceitos derivam da dominação do rural pelo urbano, a partir da emergência do capitalismo enquanto sistema econômico que privilegia a industrialização, engendrando uma ideologia urbano-industrial, na qual se cria a figura do outro – aquele que impediria o avanço do industrialismo e como tal representaria o atraso. Sob esta ótica passam a categoria de *outro* todas as populações ditas tradicionais, o que vale dizer todas as comunidades (camponeses, índios, silvícolas, etc.) exploradas pelo sistema econômico, com suas perversas articulações. (2002, p. 20)

No campo da linguagem, Bakhtin diz que “*a ideologia do cotidiano*” que se exprime na vida corrente, é o *cadinho* onde se forma e se renovam as ideologias constituídas. (1997 p.16). E os contatos e embates se dão nos acontecimentos diários, nas lutas travadas cotidianamente, nas falas, nos acontecimentos. São essas relações que apresentam significados que vão constituindo os modos de viver e de pensar.

Tapete Vermelho é um filme que traz o protagonista com traços fortes do personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, o qual está descrito na obra *Urupês*. Esta obra tematiza a região do Vale do Paraíba, onde o personagem Quinzinho também mora, como a autora nos escreve:

O personagem que Mazzaropi consagra nas telas a partir de 1959, se baseia na popularíssima criação literária de Monteiro Lobato. O homem pobre rural converteu-se em Jeca Tatu a partir dos artigos intitulados “*Velha Praga*” e “*Urupês*”, escritos para o *Jornal O Estado de S. Paulo* no ano de 1914, nos quais o escritor e, então, fazendeiro reclamava das queimadas promovidas pelos agregados das fazendas da decadente região do Vale do Paraíba. (TOLENTINO 2001, p.98)

Este personagem de Monteiro Lobato é o mesmo que Amâncio Mazaropi interpretou em suas produções, que em Tapete Vermelho recebe o nome Quinzinho, que busca apresentar sua cultura cinematográfica a seu filho. Como podemos observar até mesmo nos filmes de Amâncio Mazzaropi, traz o personagem Jeca Tatu, como atrasado no seu contexto, entre outras características que Tolentino nos apresenta que,

Nos filmes da PAM, Mazzaropi representaria os tipos ingênuos, atrapalhados, mas, sobretudo, daria forma ao tipo caipira, ao qual conferiria uma imagem grotesca que a partir de então se converteria numa espécie de protótipo do homem pobre rural, ou daquele que não está em dia com os códigos da modernidade: o tal indivíduo sem traquejo social de que fala Aurélio Buarque de Holanda na sua definição dicionáresca do vocábulo caipira. (TOLENTINO, 2001 p. 96)

Tolentino (2001) em sua análise sobre o rural no cinema brasileiro contata que:

Mazaropi traria às telas o Brasil rural, a nossa tradição caipira pouco admitida em público, mas legitimamente conformadora de uma identidade nacional. Assim entende que o Jeca Tatu malvestido, incapaz de compreender a língua oficial e vestir “roupa de cidadão” é a imagem e semelhança do país que teria horror em ver-se refletido no espelho (SET, 1991). (p. 96)

O filme “Tapete Vermelho” traz no seu contexto a ideia de um lugar distante da globalização, das informações, tecnologia e novidades, o diálogo no filme não é composto apenas de falas, visto que no cinema a linguagem é principalmente visual, composta da fotografia. No filme aqui analisado podemos identificar algumas ideologias que compõe o conceito de campo em duas vozes que se opõem e que aqui podemos chamar de campo com possibilidades e campo sem possibilidades. Esta palavra Possibilidades foi escolhido justamente por sua ligação com o termo “possível” que segundo o dicionário Aurélio em sua primeira definição diz que possível é *1. Que pode ser, existir, acontecer, (...)* e o termo possibilidade remete ao sentido de algo que pode vir a ser, mas que quando precedido da preposição “sem” junto ao referido termo remete o sentido de privação, exclusão, ausência e por isso o termo justificado faz jus à definição do conceito identificado no filme, pois o filme no seu enredo traz esta ideia.

A fala é um dos elementos que ajudam a criar estereótipos, na pronuncia, por exemplo, trocar a letra “L” por “R” muitas vezes é sinônimo de ignorância e até motivo de preconceito. No Brasil a língua portuguesa é denominada o idioma oficial. Em um

país com grande extensão territorial, como o Brasil, pode-se considerar natural as variações linguísticas que ocorrem entre regiões, embora nem sempre ocorra. Além dos trajes a fala é um dos principais elementos que ajudam a caricaturar o camponês. Podemos ver isso até mesmo em comerciais quando referenciam o campo, principalmente em época de festas juninas.

O título de capitalização Hiper Cap Ribeirão, comercializado principalmente na região de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo, em sua propaganda caracteriza o caipira com fala engraçada, sem alguns dentes e com trajes engraçados.

Nesta perspectiva a imagem que se cria do campo geralmente é assimilada ao atraso, principalmente quando se refere ao trabalho. Costuma se considerar o progresso os meios agrícolas mecanizados, que utilizam venenos e fertilizantes desenvolvidos em laboratório. De fato não se pode desconsiderar tais elementos como um “avanço” no sentido de descobrir coisas novas. Mas muitas questões são importantes que se reflita, por exemplo, se trazem realmente algum “progresso” e para quem?

Tolentino (2001) em sua análise sobre o personagem Jeca Tatu de Mazzaropi mostra que a imagem que se tem do Jeca, é uma imagem negativa, tomando como base os filmes do mesmo, observa-se que “ *a figura do nosso caipira se compõe desse homem preguiçoso, indelicado, que é capaz de desperdiçar o leite pra fazer valer sua opinião ou supremacia em relação à mulher. (p. 102)* ainda nas análises a autora observa que “ *jeca é um sujeito ladino e, em certo sentido, imbuído de uma ética da malandragem, já que os seus familiares acabam trabalhando para ele. (104)*”

Mesmo Tapete Vermelho se diferenciando da abordagem dada ao personagem central, a essência de Quinzinho está atrelada a esta conclusão que chega Tolentino (2001). A imagem que se construiu do Jeca permeou por décadas. A referência que se buscará quando tratar o caipira será uma imagem geralmente próxima ao que a autora conclui:

No discurso desse narrador, esse sujeito pré-urbanizado e pré-desenvolvido está e parece sempre ter estado aquém da humanidade, tal como o máximo representante desta geleira, o caipira visto pelo Jeca Tatu: preguiçoso, mal-educado, dotado de uma esperteza ingênua, mas ultrapassada como uma piada antiga, esperaria apenas comer, sem precisar desempenhar qualquer esforço. As necessidades de Jeca são pouco mais que as de um bicho, pois o caipira do filme não se mobiliza. Aliás, bem ao contrário, é mobilizado por aqueles que estão em dia

com os tempos modernos, seja na condição de herói ou vilão, categorias nas quais esse homem do campo nem ao menos se enquadra, dado o grau do seu desajuste em relação ao tempo vigente. Ridicularizado, porque representa valores que não condizem com o mundo do trabalho, da indústria, das cidades e dos códigos de consumo, fica bem se confinado no “seu lugar”, onde podemos contemplá-lo a distância. (2001, p. 297)

Nos filmes de Mazzaropi Tolentino faz uma importante constatação, a qual mostra a imagem que se busca produzir do rural. Que distingue o homem rural rico do pobre. Em uma das histórias Jeca Tatu se torna rico. Com esta mudança social o seu comportamento também muda. Jeca torna-se coronel, e a partir disso trata sua mulher com respeito. Isso não acontecia quando ele era pobre. Tolentino nos diz que *Dessa maneira, fica a sugestão de que essa é também uma herança do homem pobre rural a ser extinta com ele.* (2001, p.119)

Duarte (2002) aponta o cinema com caráter extremamente educativo na medida em que cinema e educação são formas de socialização dos indivíduos além de ser uma instância cultural que produzem saberes, identidades e visões de mundo. Neste ponto se faz necessária uma visão crítica e consciente diante do cinema, visto que sua produção pode ser manipulada e distorcer fatos. O cinema pode reproduzir em partes o real da mesma forma que pode criar uma ilusão da realidade. A ficção é própria do cinema, possibilita a invenção de costumes e tradições. O espectador é um sujeito que possui uma interpretação do que vê. Esta interpretação depende da cultura e da visão de mundo do sujeito (DUARTE 2002).

As produções audiovisuais são produções de cultura para serem consumidas no mercado, que educam através de suas ideologias, ou seja, tentam explicar as coisas através da ideia. Atualmente grande parcela das pessoas estão sendo educadas pelos recursos de audiovisuais, como o cinema e a televisão, deixando de lado o texto escrito, formando assim sua inteligibilidade a partir de recursos de imagens e sons. (ALMEIDA, 2001)

Todos nós estamos em constante processo de formação. Aprendemos o tempo todo com as mais diversas ações do cotidiano. Quando estamos em contato com a mídia isso não é diferente, em geral nos apropriamos do conteúdo. Mészáros (2008) afirma que o

aprendizado é constante e ocorre em todo lugar. Independente do que se esteja fazendo, sempre se aprende algo.

De encontro ao que Mészáros (2008) nos traz, Brandão (2007) também nos introduz ao debate sobre os vários processos educativos e formativos que se dão nas mais diversas relações sociais do cotidiano. A escola em si não é o único espaço educativo e nem o professor é o único mediador deste processo de ensino e aprendizagem. Desta forma ninguém escapa da educação, seja nas ruas, na igreja, em casa ou diante da televisão.

Com o avanço tecnológico e a facilidade de acesso aos meios de comunicação – principalmente a TV, que veicula filmes do cinema- no contexto atual também é uma preocupação da escola, que entre outros objetivos tem o dever de formar cidadãos críticos e conscientes já que tais meios de comunicação geralmente estão à disposição das pessoas o tempo todo e ajudam a formar opiniões, distorcidas ou não. De encontro a isso Mészáros (2008) nos diz que:

Na sua época, Paracelso estava absolutamente certo, e não está menos certo atualmente: “A aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice, de fato quase até a morte; ninguém passa dez horas sem nada aprender”. A grande questão é: o que é que aprendemos de uma forma ou de outra? Será que a aprendizagem conduz à auto-realização dos indivíduos como “indivíduos socialmente ricos” humanamente (nas palavras de Marx), ou está ela a serviço da perpetuação, consciente ou não, da ordem social alienante e definitivamente incontrollável do capital? (p.47)

A partir disso é importante que se tenha uma consciência crítica diante dos meios de comunicação porque estes têm forte interferência na educação, já que também ensinam algo. Não só o ato de assistir a um filme, mas também a reflexão, a discussão, os comentários que se produzem do mesmo incutem uma ideologia. O contexto do sujeito pode ter relação com o contexto de um filme. Neste sentido Miotello nos escreve:

Tal posição manifesta respeito profundo pelos encontros casuais e fortuitos, que se dão no dia-a-dia, e em qualquer situação, aparentemente sem maiores conseqüências para o desenvolvimento do pensamento, mas base fundamental para que a ideologia encontre solo propício para sua instalação. Nesses encontros tanto se poderia ouvir "será que vai chover?", até "que é isso que nosso presidente vem fazendo?". São esses

encontros que vão povoando o universo de signos, e cada signo vai se tornando parte da unidade da consciência verbalmente constituída, penetrando de forma integral no comportamento humano. (MIOTELLO 2005 p.171)

O cinema também é um instrumento de mediação do conhecimento. Espinal (1976) faz uma importante constatação, tanto o cinema quanto a televisão são meios de diversão e entretenimento, neste sentido o autor nos faz uma alerta no sentido de que estes meios oferecem visões de mundo. E como mudar isso? O autor mostra que a alternativa não é mudar o cinema, porque este é muito complexo, visto que envolve interesses políticos, econômicos e industriais. O autor mostra que já que não é possível transformar o cinema então que se transforme o espectador, que este seja um sujeito crítico e dialogador, possibilitando que o mesmo possa reagir positivamente diante do cinema. Nesta perspectiva a escola é um elemento fundamental para trabalhar esta questão.

A escola é o meio educativo que deve desenvolver no aluno a capacidade de pensar com autonomia e tomar decisões desenvolvendo assim sujeitos críticos que tenham verdadeira compreensão da realidade. Em geral os meios de comunicação são carregados de ideologias, estas geralmente apresentam seus discursos em favor de determinados grupos se opondo a outros. Neste sentido é importante que a escola ensine seus alunos a lerem os meios de comunicação da mesma forma. Estes estão presentes no dia-a-dia sendo um meio de formação e de educação constante. Mesmo carregado de ideologias é um meio educativo. Se a ideia apresentada for distorcida da realidade, esta ideologia está sendo veiculada e assistida por muitas pessoas, que geralmente acreditarão. Como não é verdade se está sendo visto? Os meios de audiovisual têm a capacidade de despertar a impressão de realidade do que está sendo visto, mesmo se tratando de ficção. Neste sentido é importante se pensar de que forma os conteúdos didáticos serão abordados e relacionados com os meios de comunicação. Devemos sempre perguntar se as produções de audiovisuais realmente correspondem com a realidade, já que temos a impressão de realidade.

Considerando que estamos em uma sociedade audiovisual é extremamente importante que tenhamos o domínio desta linguagem para que assim possamos transitar em diferentes campos sociais. Como já vimos a imagem em movimento pode mostrar uma realidade distorcida. Da mesma forma que a escola ensina gramática, literatura,

matemática entre as mais diversas disciplinas também se torna importante ensinar a leitura de imagens e filmes.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997. 8º ed.

BOGO, Ademar. **Identidade e Luta de Classes**. São Paulo Expressão Popular. 2008

BOSI, E. O que é desenraizamento? Revista de Cultura Vozes. (Petrópolis) Ano 77, Vol. LXXVII, N° 6. 1983

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, (p. 126)

ESPINAL, Luís. **Consciência Crítica diante do cinema**. São Paulo: Lic Editores, 1976

GUERRA, Vânia Lescano. **Práticas Discursivas: Crenças, Estratégias e Estilos**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2008.

MAGALHÃES, Claudia; SOURIENT, Lilian; GONÇALVES, Marcos; RUDEK, Roseni. **Passaporte para Geografia**. Vol. 2. São Paulo: Editora do Brasil, 2005

MÉZÁROS, Stvan. **A Educação para Além do Capital**. São Paulo, 2 ed. Boitempo 2008

MIOTELLO, Valdemir. *Ideologia*. In: BRAIT, Beth (Org). **Bakhtin: conceitos-chave**. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2005

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes – Conceitos e Metodologias**. VI Congresso SOPCOM, Abril de 2009. In: www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf Acesso 23/07/2010

WHITAKER, D. C. A. **Sociologia Rural: Questões Metodológicas Emergentes**. Presidente Venceslau, São Paulo: Ed. Letras a Margem, 2002

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. **Reforma Agrária e Meio Ambiente: Superando Preconceitos Contra o Rural**. In: FERRANTE, V. L. B. e WHITAKER, D. C. A. (Orgs.) **Retratos de Assentamentos**. Araraquara - SP: Uniara. N° 12, 2009

Tapete Vermelho. Direção: Luiz Alberto Pereira. Ivan Teixeira e Vicente Miceli. Interpretes: Matheus Nachtergaele, Vinícius Miranda, Gorete Milagres. Roteiro: Luiz Alberto Pereira e Rosa Nepomuceno. Música: Renato Teixeira. Ano: 2006. DVD (100 min) Color. Produzido por:

Site: <http://www.hipercap.com.br/> 25/05/2011 as 20h56min